

Um marco histórico da cooperação (hoje)

CAVACO ASSINA ACORDO MILITAR COM CABO VERDE



DIREITA PERDEU A MAIORIA MAS PS NÃO A GANHOU

● *Le Pen não conseguiu ser eleito*

Ler em «Internacional» a reportagem de Luísa Cerveira Pinto, enviada JN

Eduardo Lança e dr. Pancrácio — duas «personalidades» pré-heteronímicas que o JN lhe apresenta em página especial



FERNANDO PESSOA «FAZ» HOJE CEM ANOS

Ler na página 6

o sistema educativo na AR

PODE SER FEITA PESQUISA DOS ESTUDANTES

me foi frisado ao longo dos discursos apresentados, um excelente exemplo de coordenação de esforços entre organismos juvenis e a própria Assembleia da República. O seu presidente, Vitor Crespo, fez, aliás, disso eco, ao afirmar no seu discurso de encerramento que «não foram apenas os jovens que ganharam com esta realização. Foi também a instituição parlamentar que lucrou com isso, e assim está aqui justificada a presença do seu presidente».

«A escola e a vida activa», «Acesso ao ensino superior», «Gestão e participação» e «Acção social escolar» foram os quatro vectores temáticos à volta dos quais se desenvolveram as questões, as intervenções e as reflexões, quer das personalidades convidadas quer dos participantes.

Marçal Grilo, Manuel Patrício, Bártolo Paiva Campos, Britaldo Rodrigues, Virgílio Meira Soares, Bruto da Costa, Armando Osório, João Formosinho e Tavares Emídio foram as personalidades presentes na conferência a quem coube a dissertação sobre os temas em questão e a tarefa de esclarecer as dúvidas levantadas por uma plateia interessada e verdadeiramente sedenta de respostas.

Foi notório ao longo do debate sobre problemática, a que os jovens são particularmente sensíveis (como a acção social escolar e a escola e a vida activa), uma certa dificuldade da parte destes em resistir à tentação de particularizar os problemas, apresentando exemplos de vivência concretos, fugindo assim a considerações de teor mais filosófico e conjuntural por que pautaram as alocações proferidas pelos membros dos grupos de trabalho da Comissão de Reforma.

Não obstante, o diálogo foi fértil, embora o tempo tenha sido, para quase todos, manifestamente reduzido e por vezes bastante condicionado da vontade de explorar os assuntos até ao fim. Da constatação deste facto, esperam os organizadores do fórum, deverá resultar o desenvolvimento de realizações do género, quase inacreditavelmente inexistentes até esta data.

Escola: o coração de uma reforma descentralizadora

António Ribeiro, secretário de Estado da Reforma Educativa, substituiu o ministro da Educação na cerimónia da abertura dos trabalhos da conferência, por este se encontrar ausente em Cabo Verde. O seu discurso, enunciador de algumas linhas de força que se procura implementar na reforma, fazia uma referência particular à necessidade de elevar o nível educativo da população, num sentido que contemple também o necessário reforço da qualidade do ensino ministrado, e possa contribuir para o sucesso escolar tão cobiçado.

Estes objectivos passam ainda «por uma reforma a ser construída pela base, mantendo uma abertura que permita a introdução de ajustamentos necessários em vez de travar o próprio processo reformador pelo excesso de regras e regulamentações fixas por vezes complexas e burocratizadas».

dos dirigentes dos organismos incentivadores da iniciativa foi um pouco diversa. A tónica colocada nas intervenções versava sobretudo o facto de o escasso número da reforma se dever «a



uma insensibilidade para perceber os fenómenos da participação juvenil, por parte de quem condicionou de alguma forma o processo de discussão pública» — conforme frisou o presidente do CNI, António José Seguro.

Expectativas dos jovens são o maior desafio

José Apolinário, vice-presidente da Comissão Parlamentar da Juventude, inventariou no seu discurso de abertura algumas das expectativas dos jovens em relação a este processo de mudança, citando, para o efeito, dados de um relatório ainda não publicado do Instituto de Ciências Sociais, o qual refere que «51,7% dos estudantes esperam melhores instalações e melhores escolas, 39,4% um mais fácil acesso ao ensino superior e 38,3% uma maior participação dos alunos num conjunto de respostas em alternativa».

Para este deputado do PS, a necessidade de mudança é particularmente sensível «no conteúdo do próprio programa curricular, na visão da escola, na participação escola-vida activa», opinião partilhada pelo presidente da mesma Comissão Parlamentar, Carlos Coelho, que fez especial referência ao sistema de acesso ao ensino superior («que nenhum de nós consegue defender») e aos graus participativos dos estudantes nos órgãos de gestão das escolas («que nenhum dirigente estudantil consegue subverter»).

A igualdade de oportunidade para os estudantes do litoral ao interior e a correcção das assimetrias existentes foram outros dos temas mais construtivamente polémicos da conferência a que Vitor Crespo, presidente da AR, não poupou elogios, alertando, no seu discurso, para «os efeitos perversos de uma terminologia ligada à palavra reforma» e para «tentações irredutíveis e pontuais» de que é preciso defender os objectivos maiores do processo reformador.

MENSAGEM DE SOARES NO CENTENÁRIO DE PESSOA

O presidente Mário Soares divulgou uma mensagem a propósito do centenário do nascimento de Fernando Pessoa, que hoje se comemora. Esse texto do presidente será lido nomeadamente nas comemorações que a partir de hoje decorrem na UNESCO, em Paris. É do seguinte teor a mensagem de Mário Soares:

«Fernando Pessoa é, hoje, um símbolo universal da cultura portuguesa. O seu nome e a sua obra alcançaram, em todo o Mundo, uma ressonância sem par. As traduções sucedem-se, os estudos proliferam, o interesse, a atenção, a paixão não cessam de aumentar.

Ao celebrar os cem anos do seu nascimento, em Lisboa, no dia de Santo António, Portugal sabe que o faz em comunhão com povos de diversas línguas e culturas, oferecendo simbolicamente ao património cultural da humanidade a obra deste poeta genial que deu à língua portuguesa os ritmos e o timbre de uma nova modernidade.

Durante os breves quarenta e sete anos da sua vida, este homem tímido, cerebral, cultíssimo, quase secreto, construiu uma obra prodigiosa, na qual estão inscritos muitos dos dramas, das angústias, das perplexidades e alguns dos bloqueios da consciência contemporânea.

Sentindo-se e sabendo-se despojado de si mesmo, quebrada a unidade da consciência, Pessoa encenou um prodigioso drama-em-gente, palco onde a sua verdadeira vida se cumpriu e alcançou sentido e justificação.

Os heterónimos, que se aglomeraram e chocam no ter-

ritório imaginário da sua solidão essencial, são os mensageiros de uma tragédia de ausência, vazio, renúncia, exaltação e desespero, que apenas na sua poesia se torna omnipresente e avassaladora.

Poeta do mistério, Fernando Pessoa foi o pontífice dividido da impossível redenção da unidade perdida. Para isso, se anulou, desdobrou, multiplicou. Ao contemplar o nada no grande espelho em que o homem se reflectiu durante séculos o simbólico «lago mudo» de que fala no primeiro verso de um belíssimo poema, o poeta edificou um labirinto

ortónimo dão a mais clara confissão: «Eu vejo-me e estou sem mim / conheço-me e não sou eu».

Esta fraqueza irremediável transformou-se, porém, no mais fecundo triunfo do início da modernidade, pois representou a anunciação profética dos caminhos mais originais da arte do nosso século.

A obra de Fernando Pessoa tem sido analisada, interpretada, glosada por inúmeros especialistas de diversas disciplinas, de artistas de diferentes ramos, de gente de múltiplas línguas e filiações estéticas e doutrinárias. Apesar dessa profusão crítica e admirativa permanece como enigma radical que a poesia ilumina, irreduzível, como é, a uma situação histórica concreta, a uma classe social determinada, a um estado psicológico particular, a um fundamento estético preciso. O homem viveu e sofreu, mas

PESSOA NO JN

Assinalando o centenário do nascimento do poeta da Mensagem, o JN dedica a página 6 desta edição à obra de Fernando Pessoa, a qual inclui três estudos: de Teresa Rita Lopes, de Dalila Pereira da Costa e de Fernando Guimarães.

de espelhos fragmentados, aceitando a fatídica inexistência de um ponto a partir do qual a unidade se reconstituisse.

Esse o esplendoroso fracasso que ecoa, como um cántico de lamento e dor, em toda a sua poesia — mesmo na aparentemente eufórica e de que os dois versos principais de um célebre poema

o génio impôs à obra uma marca que está aquém e além disso.

Povoada de mitos, a obra de Fernando Pessoa centraliza fulgurantemente na vida toda a obra daquele que é voz que nos toca, possui e ilumina, vinda do fundo dos tempos e das eras «Mensagem» um momento de insuperável beleza, força



Fernando Pessoa, óleo de Rodriguez Castañé.

e majestade. Poema de Portugal, na sua simbologia de chamas e cinzas, de madrugada e trevas, de vozes e silêncios, de mares e de ilhas, de areias e de névoas, esse livro constitui uma epopeia que canta Portugal mítico, misticamente desoculpara regressar magicamente ao futuro do passado.

Poema do homem disperso, dos deuses ausentes ou mortos, da vida vazia, da

hora absurda e da morte da alma, toda a obra de Pessoa é, na sua unidade e diversidade, um testemunho perceptível da grandeza humana, feita saudade ou desejo.

Poema de recriação da língua portuguesa, a obra de Fernando Pessoa concede a essa Pátria, partilhada por 170 milhões de seres humanos, o privilégio do reencontro com a vocação universalista de que ele é um símbolo glorioso e eterno».

ALEMANHA DESCOBRE A CULTURA PORTUGUESA

Por MARIA ERMELINDA PEDROSA (correspondente em Bona)

Portugal, durante muito tempo considerado pelos alemães ou como o apêndice da Espanha ou, com sobrançeria, como a casa pobre da Europa, está actualmente a ser redescoberto neste país, não apenas do ponto de vista turístico ou económico. É significativo o que se passa no domínio cultural.

A partir de 25 de Abril de 74 que se observava uma abertura da cultura portuguesa aos países da Europa central mas, e no que concerne à RFA, é há cerca de cinco anos que a presença cultural portuguesa se começa a afirmar e merecer mais atenção, documentada nas páginas literárias dos principais jornais alemães, com especial relevo para o semanário «Die Zeit».

As editoras em língua alemã têm lançado no prelo nos últimos anos traduções de livros dos principais escritores contemporâneos portugueses, com destaque para José Cardoso Pires, José Saramago, Lobo Antunes e muito recentemente Agustina Bessa Luís, cujo romance «A Sibila», que o «Die Zeit» considera uma obra-prima da literatura portuguesa, aparece agora publicado na

editora Suhrkamp, de Francoforte.

Todavia, o interesse dos alemães pela cultura portuguesa não se limita somente à literatura. A cantora de «jazz» Maria João há muito que é considerada neste país, pelos conhecedores e críticos do género, como uma intérprete notável, com presença assídua em vários festivais de «jazz» na RFA. E no que respeita às artes plásticas, José de Guimarães, já também muito conhecido noutros países europeus, e cuja presença na Feira de Arte de Basileia é uma constante, vem agora expor na RFA até Setembro, a convite de uma galeria de arte de Estugarda.

Mas voltando à literatura portuguesa e à sua aceitação na RFA, a coroa de glória das editoras alemãs e suíças é a tradução da obra de Fernando Pessoa. A editora Ammann, de Zurique,

que já publicou quatro livros do autor, em parte em edição bilingue, traduzidos e orientados por George Rudolf Lind propõe mesmo editar toda a obra daquele que é tido pelo maior poeta português depois de Camões. Dentro de dois meses irá sair o volume «Brieftage und Selbstzeugnisse» («Cartas e testemunhos») de Pessoa e seus contemporâneos, volume que será ilustrado com numerosas fotografias.

Em Novembro de 87 e por ocasião do lançamento na RFA do volume «Fernando Pessoa-Álvaro Campos (Poesias-dichtungen)», da mesma editora de Zurique, o semanário «Die Zeit» dedicou uma página inteira ao tratamento desse volume.

O seu autor, Peter Hamm, foi o mesmo que há pouco mais de um mês entusiasmou todos os fãs de Pessoa na RFA com um documentário televisivo de cerca de hora e meia sobre a vida e obra de Fernando Pessoa.

O Instituto de Filosofia da Universidade Clássica de Colónia, que comemora este ano 600 anos de fundação, foi o cenário escolhido para uma palestra subordinada ao tema «O eu problemático:

Fernando Pessoa». Falou o professor Kreutzer, romanista da Universidade de Würzburg, com várias publicações sobre literatura portuguesa, sendo uma delas «Literatura portuguesa do século 20», com especial destaque para Fernando Pessoa.

Mas a publicação de Fernando Pessoa, a quem Peter Hamm chama um dos maiores nomes da literatura mundial, e que mais êxito alcançou na RFA é o «Livro do desassossego», publicado também em livros de bolso pela editora Fischer, de Frankfurt.

Este livro revestiu-se já da aura do livro de vulto, fenómeno que deixa perplexos os estudiosos da obra do poeta, que se admiram de como uma obra sombria e difícil como é este diário filosófico entusiasma os leitores alemães.

Todavia, a revelação Fernando Pessoa veio na altura própria, num momento em que os alemães se mostram preocupados com a sua interioridade, com a imaginação e talvez por isso mesmo com a predisposição necessária à aceitação de uma obra tão «sui generis».

Não foi de facto por acaso que o êxito do «Livro do desassossego» se deu nesta altura. Na RFA assiste-se actualmente a uma abertura muito grande à «new age» (uma nova maneira de estar e de sentir, uma corrente existencial que tem o seu expoente máximo em Colónia). Uma nova geração de alemães e não forçosamente a mais nova, enfasciada com a superabundância da sua sociedade e mais deserta para a vida, volta-se para o esoterismo e para o ocultismo, para as religiões e filosofias milenárias orientais, tentando descobrir por fim o sentido da vida. E não foi isso também que Fernando Pessoa buscava incansavelmente?

No século XIX os românticos alemães aprendiam português para poderem ler Camões no original. Em finais do século XX Fernando Pessoa vem mostrar aos alemães que Portugal não se define apenas em termos de revolução dos cravos, turismo e boas condições para os investidores estrangeiros, mas que tem também uma «espiritualidade» que merece e urge ser revelada e compreendida.

Para si



Trocar o seu carro usado é mais fácil

FAZ HOJE 100 ANOS QUE NASCEU O POETA DOS HETERÓNIMOS

CUMPREM-SE hoje exactamente 100 anos — 13 de Junho de 1888-1988 — sobre o dia em que nasceu o cidadão português registado em Lisboa com o nome Fernando António Nogueira Pessoa. Em 30 de Novembro de 1935 morreu, com 47 anos, e celebrou-se o cinquentenário da morte em 1985. Entre as datas do nascimento e da morte (que ele considerava os dados mais importantes da sua biografia) cumpriu-se o poeta que se tornou não só a estrela mais fulgurante da nossa Modernidade, mas também um dos grandes poetas universais do século.

A bibliografia activa e passiva, mais esta naturalmente, cresce a um ritmo impressionante e o nome e obra de Pessoa ganharam definitivamente cidadania em todos os centros culturais do Mundo. As comemorações pessoais, por ocasião do centenário que hoje se evoca, revestem tal eufória que o excesso quase nos amedronta.

O caso heteronímico muito tem aguçado a curiosidade e interesse pelo grande poeta. Valerá contudo recordar simplesmente o que Pessoa escreveu em Páginas Íntimas sobre «o caso»: «Nunca me sinto tão português como quando me sinto diferente de mim — Alberto Caetano, Ricardo Reis, Alvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver».

Para elaborar esta página comemorativa do Poeta dos Heterónimos, o JN (que também nasceu há cem anos: é mais velho que Pessoa onze dias!) convidou três estudiosos de Pessoa a publicar trabalhos. Teresa Rita Lopes desvendava aos leitores «personalidades literárias» de Pessoa da fase pré-heteronímica; Dália Pereira da Costa estuda comparativamente a Pátria de Junqueiro e a Mensagem; Fernando Guimarães situa Pessoa face ao antecedente movimento Simbolista. Continuar o estudo de Pessoa até à revelação total do seu «corpo escrito» e sua inserção na cultura portuguesa e universal, divulgar com competência e rigor a obra pessoana, sem mistificações e mitificações, é o modo mais digno de celebrar o centenário do nascimento daquele que disse: «Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto de tantos tantos me fez nada de mim». E ainda, na Mensagem sobre D. Sebastião: «E O que eu me sonhei que eterno dura».

Só nos cabe desvendar o que foi concebido por este sonhador radical da Vida e da Realidade. E diga-se desde já que não é tarefa tranquilizadora das consciências. Toda a obra de Pessoa não é senão um «livro do desassossego»: Sabem disso os que o lêem com paixão — único modo de ler poesia.

M. Neto da Silva



O QUE BRINCAVA A SER MUITOS

Por TERESA RITA LOPES

O português tem o enjoo fácil. Como o riso e as lágrimas e o entusiasmo. Agora já aperta o nariz e faz o gesto de «restituir» (como dizia o conselheiro Acácio) quando se fala do Pessoa. Enjoo do que nunca comeu, ou pelo menos digeriu: sim, porque o Pessoa que provou e mastigou foi a pastilha elástica que os meios de comunicação lhe andam a fornecer comemorativamente. Se dele se alimentasse como de pão já não corria esse risco. (Por mim, não conheço ninguém que tenha enjoado o pão). Comemorá-lo Pessoa é, para mim, um pouco como assinalar o «Dia da Arvore»: não é a acácia da minha rua nem a da tua a homenageada. É a Natureza que é necessário preservar do lixo e das bombas desse terrível bicho-homem.

Tal como a Natureza, o que neste Mundo está, neste momento, ameaçado de morte, é aquilo a que chamarei a cultura das humanidades. E a poesia é a sua mais frágil voz e o seu mais alto expoente. Poesia não é verso. É uma voz que do fundo do homem abre caminho para o arrancar à inércia de ser «a besta sadia», «cadáver adiado que procria» (como dizia o poeta).

O primeiro homem que inventou um balão para fugir ao peso da gravidade e ampliar a sua visão do Mundo é tão poeta como o mítico Ícaro que inventou umas asas logo por azar de cera. Ou como o menino lançando esse papagaio de papel ou esse balão que lhe transmite aos dedos a fome de voar.

Para cada um a sua poesia, não me vou

pôr para aqui a definir o que é, mas o que é preciso é que cada um a tenha e a defenda para continuar vivo. Para não virar robô.

Se identifico Pessoa com poesia é porque a obra pessoana é um mundo. «Ter-me-ei volvido uma nação?» é expressão que utilizou a meias com outro parceiro, o Mário de Sá-Carneiro. Na medida em que apenas viveu para criar essa obra-nação em que se tornou, Pessoa acolhe-nos sempre com qualquer novidade a cada nova incursão nos seus amplos domínios. Muito mais amplos, aliás, do que se julga e afirma. Não foi ainda de facto feita a viagem de circun-navegação desse mundo que alguns pensam que conhecem porque supõem que essa obra acaba onde termina a visão que dela têm. Não foi ainda dobrado, de facto, o Cabo das Tormentas de milhares de papéis soltos de leitura que às vezes parece impossível. Acontece, porém, que quando se consegue refazer primitivos conjuntos esfacelados, a página solta, antes ilegível, começa a revelar os seus segredos. Isso é o que eu, com mais vinte pessoas, temos andado a tentar fazer. E se não vemos ainda, como Pessoa saboreia dizer na Mensagem: «...a Terra inteira de repente / Surgir, redonda, do azul profundo» é porque ainda vamos no princípio dessa viagem e ainda só dobrámos alguns cabedelos menos tormentosos... Mas a viagem continua. E já temos tido o alvoroço de entrever terras desconhecidas. Por exemplo, algumas das «personalidades literárias» (que ele distinguia dos Heterónimos, apenas três) daquele que na

obra, como na vida, brincou a ser muitos. Vemo-los surgir dos confins da infância desse menino que, quando retomou contacto com as suas raízes portuguesas em 1901-1902 se empenhou, percebe-se, a ser escritor nessa língua. Assistimos ao nascimento de Eduardo Lança no *Palrador*, um dos dois jornais manuscritos que criou durante essa permanência, de um ano, primeiro em Lisboa, depois em Angra do Heroísmo. (O outro chamou-se *A palavra*). Iniciando o que vai ser o processo do seu desdobraimento heteronímico, deste E. Lança nos dá (outro colaborador do jornal...) uma bibliografia bastante completa. Resumi-la-ei dizendo que é brasileiro, nascido na Baía, que, como Pessoa, fez estudos comerciais e no ramo do comércio fará seu ganha-pão... — em Lisboa onde escolheu viver! No é difícil imaginar que esta sombra luso-brasileira irá desembocar no Pessoa — Soares que fez da Baía lisboeta não só seu lar mas também seu escritório... Lança é sobretudo poeta, e o *Palrador* apresenta-nos algumas das suas composições.

Também o dr. Pancrácio se manifesta neste jornal. Autor de crónicas, contos, poemas, inúmeras charadas e até um livro anunciado: *Branco e preto*, é sobretudo um humorista.

Dr. Pancrácio (este retintamente português) e o *Palrador* o deu à luz através de Angra do Heroísmo (onde permaneceram de Maio a Setembro de 1902 e onde Pancrácio se tornou director de outro jornal, *A*

Palavra), depois para Lurban, e ainda deavam ambos sinal de vida em Setembro de 1905, agora já, de novo, em Portugal! Pessoa tinha regressado definitivamente a Lisboa um mês antes.

Se refiro a existência destes pré-heterónimos, aliás já nitidamente «personalidades literárias», segundo a própria designação de Pessoa, é porque as considero não apenas curiosos e anedóticos mas processo exemplar desse que quis ser, ele sozinho, o povoador da nação em que se tornou. Este jornaleco, *O Palrador*, é disso outro exemplo. Já ai Pessoa faz o que não deixou de fazer durante toda a vida, essa vida inseparável da obra: brincar a ser muitos. Tão simples, afinal, o segredo da tão discutida heteronímia.

Os primeiros com que brincou não foram autores porque ainda não sabiam escrever: o Chevalier de Pas e, segundo conta, esse outro, também francês e por acaso capitão, de nome Thibeau (como conta na carta a Casais Monteiro). Creio que este dr. Pancrácio e Eduardo Lança são, por isso, os primeiros pré-heterónimos, destacáveis da massa considerável dos outros «jornalistas» que faziam *O Palrador*.

Acrescentarei apenas — que mais não cabe hoje aqui — como é significativo vê-los, lado a lado, português e brasileiro, esses dois cultores do que mais tarde Pessoa chamaria a pátria-língua-portuguesa. E fo Bernardo Soares, que até por sinal tem parências com Lança, quem disse: «a minha pátria é a língua portuguesa».

Portugal ENTRE A PÁTRIA E A MENSAGEM

Por DALILA PEREIRA DA COSTA

O poema de Guerra Junqueiro, se apresentará sob o esquema do drama, o de Fernando Pessoa mais sob o do mito; mas ambos, usando o símbolo e simultaneamente na referência realista à história pátria e nela inserindo-se em ordem no tempo. E, propósito capital partilhado por ambos: tendendo a uma auto-gnose que, em interperação muito directa a todos nós, pretenderá ser caminho de reencontro de uma alma pátria consigo própria para sua regeneração, acesso a nova vida e novo mundo.

A perca da alma da pátria e consequente desintegração desse ser colectivo, os dois poetas-profetas a datarão de Alcácer-Quibir (em Junqueiro, vista violenta e quase unívocamente se processando pela, e através da dinastia de Bragança), e apresentando-se no transcurso dessa história, em drama ou mito, como processo de psicose (na Pátria, personificado no Doido): em descolamento do real, fixação destrutiva no passado, sono. Escuridão, indecisão de formas, tal o cenário do começo ou fim respectivamente, desses dois poemas. Mas ambos, na sua essência profética, respeitando o segredo pátrio: «Noite de tormenta. Céu caliginoso». «Mistério... mistério...». Ou: «Fita, com olhar sphingico e fatal, O Ocidente, futuro do passado». «Tudo é disperso, nada é inteiro, O Portugal, hoje é nevoeiro».

Mas também, ambos os poetas, em toda a tragédia pátria assumida e vivida consciente e carnalmente, em comunhão de amor, eles farão esse apelo a um reencontro de uma alma perdida.

Em mais declarada esperança e alegria, por Junqueiro, ao fim do seu poema, «Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorgelam». Ou por Pessoa, num brusco e urgente modo, aos portugueses: «É a hora! Valet, Frates!»

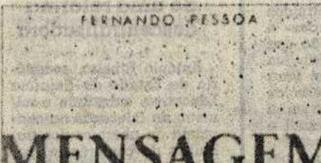
Nesta data memorada, 10 de Junho, será de utilidade para todos nós, lermos mais uma vez estas duas obras capitais do génio português, inspiradas. E meditarmos longamente sobre esse apelo de autoconhecimento, muito directo e pessoal que ai nos é feito; e que, mais do que nunca, se mostrará urgente para o reassumir de uma identidade perdida ou alma extraviada: e sua futura e nova missão no Mundo.

Assim, leiamos a Pátria; e seu *Balanço patriótico*, indispensável; violento e lúcido diagnóstico, mas feito em amor, e tão actual. «Um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando de onde vem, nem onde está, nem para onde vai». E nessa desorientação e obnubilação, ele é, e foi, um povo sempre pugnando pela sua liberdade, mas com tendência à cisão e desagregação como ser colectivo (já presentes desde seu longínquo passado, na época pré-romana, em Lusitanos e calaios); assim, o poeta então clamando por um modelo de condutor e condensador de suas energias: «A metempsicose em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um santo».

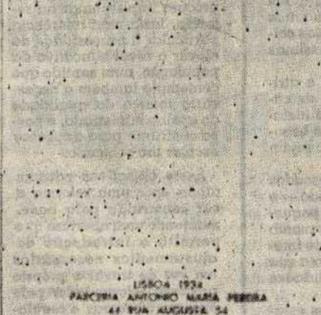
A Pátria abre-se em cenário de noite e tormenta, escuridão e fragor de relâmpagos, no castelo real à beira-mar. O rei, entre cortesãos traidores, e cães, indeciso perante o tratado com Inglaterra, «Necrológio a assinar pelo

defunto» e alucinado perante o espectro do doido, na escuridão, desfiando seu monólogo plangente: «Ai, na batalha destruído (...) Fui-me deitar... dormi... Endoueci (...) Tive castelos, fortalezas pelo mundo (...) Como me chamo? (...) Ai, não me lembro!... perdi o nome na escuridão (...) Canta e solça». Diz o rei: «Traze um livro na mão, reparei (...) trapos todas as folhas»; e lê: «Esta é a ditosa pátria minha amada (...) apagada e vil tristeza». Diz o Astrologus: «Não a larga da mão, andalhe tão afeito, Que até dorme com ela escondida no peito».

E entram depois em cena perante o rei, seu antecessor da dinastia de Bragança, um a um, como desagregação crescente; e ao fim, «O espectro de Nunalvares atravessa, respaldado a escuridão nocturna», como raiz de morte. Aparição que marca o incêndio consumindo o castelo, como metáfora do Doido. «O lavaredas d'oirol / O lavaredas santas! (...) Mal sabeis... mal sabeis o que eu vou ter!... A minha alma! A minha alma!... nova... nova / Como um sol de aelueia a refulgir!» E «dentre os escombros, fumegando, ergue-se religiosamente, em ascensão eucarística, um vulto angélico de mulher (...) O Doido, em frente da alma, já recuperando a lucidez: O alma vaga-



FERNANDO PESSOA



MENSAGEM

bunda, alma exilada/Eis teu corpo infeliz, tua triste morada/Vê, que abandono e que pobreza! (...) A alma embebede-se-lhe no corpo».

Com a recuperação da alma, vem-lhe a consciência da identidade, actual e passada, como memória, «Cavaleiro e argonauta vagabundo/Gravado sobre a terra e mar profundo/Mil roteiros de luz os passos meus/Como se houvesse circundado o mundo/Listrando-o a fogo do Espírito de Deus! (...) E a alma da humanidade, imensa e vária, N'ua de mar de assombros, tumultuária / Bateu um dia junto no meu peito!». E com a memória, virá o acto de contrição, necessário à vinda do ser novo, regenerado; «lembrando glórias passadas (...) e suas infâmias e vergonhas», o Doido aceita o sofrimento criador, o despojamento de ascese, em obediência, esperando o perdão. Ao cavaleiro argonauta, ficará a lira de ouro, para «A batalha do amor e da verdade».

E «derretendo em pranto/As máculas do crime; e o criminoso/Vestido de esplendor, ficará santo (...) Revive em Dor, alma infinita/Na Dor bendita espera e crê!».

E é sob o modelo do Gólgota que se termina a paixão dum pátria: o doido é levado na derrição, por um bando de corsários epilépticos e traidores, ao

alto da montanha e pregado numa cruz com o dístico: «Portugal, rei do Oriente». Neste último passo de uma paixão, surgindo a figura de um velho aldeão, «D'um povo exilado ficou ele só, cadáver ambulante», levando «aninhada nos braços uma criança forte e luminosa (...) Fior d'esperança... Nasceu d'um cadáver».

Assim, a figura mítico-religiosa da Criança Eterna, como semente de nova vida, surgirá aqui, entre referência cristã e pátria, como o Menino, fechando e abrindo um círculo sagrado perfeito, de paixão e ressurreição, entre passado e futuro.

Agora, descendo ou revertendo, a realidade quotidiana e situada de novos dias, em que os camponeses, para mal do mundo e de uma pátria, estão em extinção, sob a acção conjugada e dissolvente da urbanização, industrialização, emigração e meios de comunicação social, meditamos sobre este modelo de regeneração apresentado em esperança, em toda a excelência de sua natureza, por um profeta português: um século passado sobre o surgimento da Pátria (1896).

Para a mesma ressurreição de Portugal, clamará também a Mensagem. Não se construindo tão explicitamente como perda de uma alma, e com o modelo ortodoxo da paixão, mas heterodoxo, unindo-se ao rosacruzismo; e pondo a esperança dessa pátria, não numa geração forte e pura, vinda do fundo de sua origem e matriz telúrica, humus, corpo da terra-mãe; mas antes, esse redentor sendo identificado a D. Sebastião, que sofre uma paixão para subida à luz dessa pátria. Tudo aqui se apresentando em esquema tripartido, no rigor da construção simbólico-hermética.

Brasão, Mar Português, O Encoberto: uma história sagrada pátria, fazendo-se através da apresentação de sua heráldica e seus Heróis Fundadores, sua Aventura, como «posseio maris», que se dissolverá e resolverá n'«o mar universal e a saudade» e na esperança que «outra vez conquistemos a distância — do mar ou outra, mas que seja nossa!» E tudo se terminando na abertura sobre a vinda do Encoberto, como restauração da pátria e do Mundo, pátria final. O rei ressuscitado virá, depois de seu longo sono, como ocultação, latência necessária de forças, para salvar seu povo e inaugurar essa nova terra, sem contradições nem mal, de paz e harmonia, como aquela a que «tirará toda a escória», como disse o sapateiro de Trancoso; ou como Quinto Império. Anunciado por esse Bandarra, Vieira e o próprio Pessoa. Ou a terra da verdade e vida imortal, isenta de mal, como a procurada outrora nas aventuras, reais ou imaginárias, dos portugueses, com o nome de *Ilhas Afortunadas*. E no fim da Mensagem, toda a paixão se revertendo assim, diferentemente da Pátria, num messianismo e soteriologia de teor esotérico cristão: «Na Cruz morta e fatal/A Rosa do Encoberto». D. Sebastião surgindo empossado nacional e universalmente, de toda a realidade salvífica de Cristo.

Diremos que nos poemas dos dois profetas portugueses do século XX, no fim da Pátria será mais acentuada a esperança e a luz, nessa teofania da Criança, com olhos de «estrelas inocentes», acompanhando-se desse coro angélico das aves do céu; no fim do Mensagem será mais acentuada a penumbra, indecisão e dispersão, de uma Antemanhá, depois da Noite e Tormenta. E só nessa incerteza de luz, partindo a final interperação, de irmão e condutor, em toda a sua força, como mandado e grito de alerta para nova Aventura ou ressurreição pátria: «Valet!».

Porto, 10 de Junho 1988

OU UM MODO DE ACERTAR AS CONTAS

Por FERNANDO GUIMARÃES

Pessoa faz entre a poesia do seu companheiro de *Orpheu* Luis de Montalvor e a de Mallarmé e, também, uma possível aproximação mais consentânea com o valor literário do poeta francês, a qual se encontra neste passo da correspondência de Mário de Sá-Carneiro para Pessoa: «Tão estranhos e incompreensíveis são muitos dos sonetos admiráveis de Mallarmé. E nós compreendemo-los». João Gaspar Simões é autor dum artigo intitulado «Mallarmé et la Poésie Portugaise» (in *Les Lettres*, 3.º année, tome III, 1948), considerando, em especial, a influência de Mallarmé sobre três colaboradores da revista *Orpheu*, o português Luis de Montalvor e os brasileiros Ronald de Carvalho e Eduardo Guimarães. No entanto, reconhece que «l'extrême intellectualisme» de Mallarmé não teria sido apreendido por estes dois últimos poetas, mais voltados para «le versant de l'intuition ou de l'émotion». Só Fernando Pessoa, segundo Gaspar Simões, se aproximaria — através de um mestre comum aos dois, Edgar Poe — desse ideal intelectual que devia presidir à criação poética, embora não se veja, como reconhece Gaspar Simões, qualquer influência directa de Mallarmé sobre Fernando Pessoa.

É de admitir que a leitura da obra de Mallarmé feita por Pessoa não tenha sido das mais adequadas. Mas, sendo uma das preocupações de Mallarmé a realização da obra literária como um todo, um conjunto orgânico — de modo que não se limite a um «recueil des inspirations de hasard» — não podemos deixar de a aproximar das de Fernando Pessoa quando nos dá, com a sua própria obra, a própria imagem de uma organicidade ao mesmo tempo perseguida e conseguida. É sabido como em Pessoa há uma convergência de múltiplos textos, através da presença dos seus heterónimos. E essa presença diversificada não concorre para que se constitua um texto único, embora se tome o próprio autor impossível ou ausente?

pode entender toda a inovação que vai ocorrer com o Decadentismo e o Simbolismo. Fernando Pessoa teve disso consciência ao considerar o tão invectivado «estilo ininteligível» próprio da poesia simbolista, estabelece, como fundamental, a diferença entre a «obscuridade de expressão» e a «expressão de obscuridade», sendo esta última, afinal, a realidade do poema considerada enquanto linguagem ou — para assim estarmos mais próximos dos termos que Fernando Pessoa utiliza — enquanto realização estética. O que Paul Bourget, *consegue*, a entrever, foi efectivamente realizado por Pessoa.

• Pessoa e a poética simbolista

Segundo Pessoa a base de toda a arte é a sensação; mas «para passar de mera emoção sem sentido à emoção artística, (...) essa sensação tem de ser intelectualizada, deve ser como tal concebida, o que acarreta um segundo processo de intelectualização. É este duplo processo, afinal, que confere o «poder de ela ser expressa». Por outras palavras: a intelectualização de uma intelectualização corresponde, como considera Fernando Pessoa no passo que estamos a comentar, ao «poder de expressão», entendido, indubitavelmente, como um poder da própria linguagem.

Dai a abertura de Fernando Pessoa, tantas vezes manifestada, quanto a uma poética de procedência simbolista, pois, nela, a configuração verbal é efectivamente determinante. O grande desvio de Fernando Pessoa, em relação a tal poética, está em optar por um analitismo, por um desdobraimento intelectual que, entre os simbolistas, só a obra de Mallarmé anunciou plenamente.

Nos textos teóricos de Pessoa não há muitas referências a Mallarmé. Numa passagem chega mesmo a considerá-lo que há de erroneo em «fazer da poesia música», o que, segundo Pessoa, com Mallarmé aconteceria. São conhecidas a comparação que

ta do nosso poeta simbolista Camilo Pessanha, por volta de 1910.

• Os que são «tratados como doidos»...

Importa desde já reconhecer que a tradição simbolista podia de certo modo propiciar uma estética de vanguarda, como exemplarmente ocorre, considerando-se a sua expressão na literatura francesa, naquelas mais vivas opções que se inspiraram em Mallarmé ou em Rimbaud. Por isso, Fernando Pessoa, que, aliás, não parece mostrar uma desmesurada predileção por Mallarmé ou revelar qualquer especial atenção relativamente a Rimbaud, não deixa de fazer, pela boca do seu heterónimo Alvaro de Campos, esta afirmação relativamente ao primeiro: «os génios inovadores foram sempre tratados como doidos (como (...) Mallarmé».

Recordemos que Mallarmé — comumente apontado, hoje, como o poeta simbolista por excelência — era em geral considerado um decadente. Rémy de Gourmont, que adopta essa designação, vê, no entanto, o problema com mais justiça quando afirma que «a ideia de decadência foi assimilada à sua ideia contrária, à própria ideia de inovação». Passaríamos, assim, do terreno pisado outrora por Max Nordau, que via no Simbolismo e no Decadentismo uma degenerescência ou regressão não só literária mas também moral, para um outro em que, como fez Paul Bourget em *Essais de Psychologie Contemporaine*, seria lícito entrever apenas a «decadência desse outro organismo que é a linguagem». E acrescenta que o estilo da decadência é aquele em que se verifica uma aproximação analítica do texto, uma «decomposição» — para usarmos as suas palavras — que daria lugar à «independência da palavra» ou, como dirá mais adiante, a «alterações de vocabulário, a subtilizações de palavras que tornam o estilo ininteligível».

É, pois, no plano da linguagem que se

H A quem fique mais ou menos irritado com a celebração de cinquentenários, centenários, etc., e há boas razões para isso. O que é certo, porém, é que circunstâncias como estas permitem que, alargadamente, o público seja sensibilizado para certos momentos importantes do desenvolvimento da nossa cultura. E, muitas vezes, estes ficariam envolvidos numa duvidosa penumbra se tais ocasiões não surgissem.

Não é esse o caso de Fernando Pessoa, pois a sua obra atingiu hoje uma ressonância invulgar. Mas se-lo relativamente a um movimento literário anterior ao nosso Modernismo e em relação ao qual Pessoa se mostrou particularmente atento. Trata-se do Simbolismo, e — para que se faça aqui um acerto de contas — diga-se desde já que no próximo ano se perfazem cem anos relativamente às primeiras manifestações desse movimento.

Fernando Pessoa, numa carta em que se refere à sua formação cultural, diz que, na fase a que chama a da sua «terceira adolescência», vivera «na atmosfera (...) dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura de *Dégénérescence*, de Nordau». Ora se aproximarmos esta irónica referência das que constam nas «notas sobre Fernando Pessoa», coligadas por Armando Cortes-Rodrigues sobre informações prestadas pelo seu companheiro de geração, encontraríamos, como referência cronológica, os anos de 1905-1908.

No período em questão — isto é, quando Pessoa rondava os vinte anos —, os nomes de autores que pertencem ou se podem aproximar do simbolismo francês, e que nas «notas» aparecem citados, são Baudelaire, Villiers de l'Isle Adam e Rollinat. Curioso é, também, o facto de ter-se verificado a recidiva do interesse pelos simbolistas franceses quando Pessoa faz a descoberta

Jovens na encruzilhada

SER OU NÃO SER PORTUGUÊS - EIS A DRAMÁTICA QUESTÃO

Estrangeiros, fora e dentro do próprio país

Por MARIA CORREIA DE SOUSA (correspondente em Bruxelas)

Gostar de Portugal quando se está na Bélgica, querer voltar para a Bélgica quando se está em Portugal é o dilema de um grupo de crianças portuguesas, em Bruxelas, do curso de língua materna da escola Cardeal Mercier, orientado por Helena Correia. A esta ambivalência junta-se, sobretudo na geração a partir dos 17 anos, a dúvida de ser ou não ser português e a quase certeza de não ser belga.

Um grupo de 11 crianças, de idades entre os dez e os 17 anos, oito rapazes e três raparigas, na maioria nascidos na Bélgica, falou sobre os seus países. A Bélgica era o paraíso onde se chegou...
A — É bom cá viver, a Bélgica é um país bonito. Aprendo-se mais, ganha-se mais, tem mais divertimento. E depois há cursos de música acessíveis a todas as idades, possibilidades de uma boa preparação profissional...
B — É melhor para todos, em casa, viver na Bélgica. Mas há frio, chuva e é muito chateante a vida neste país. As pessoas são tristes,

onde nasceram e vivem. A situação é diferente na geração anterior (18 e mais de 20 anos) onde aparece com frequência angústia do não saber quem sou, onde estou ou quero estar. «Não sou belga e ainda menos flamenga (Norte do país).

Mas então quem és tu? Eu, de cabeça levantada, olhos fixos, com toda a minha serenidade, respondi-lhe: sou portuguesa.

A — Nós não dissemos isso... F — Boff!... A Bélgica? Eu, nem vê-la! Não gosto nada disto.

A — Isso és tu que vieste há pouco e nem gostas de estudar... B — Eu gosto de Portugal, não é verdade que eu gosto da Bélgica... Os protestos foram continuando e tornou-se cada vez mais evidente que as crianças recusavam-se a aceitar a ideia de que gostavam exclusivamente da Bélgica.

G — A Bélgica é bonita mas também tem o seu lado mau... Eu também gosto de

acontecimentos que mais tocam os belgas como as eleições, o desemprego, a emigração, passam ao lado destas crianças que afirmam querer continuar a viver neste país (dez crianças num total de 11).

Mas esta conclusão não foi fácil de tirar. Todas as opiniões dadas neste sentido foram, de repente, recusadas colectivamente pelas crianças, que protestavam contra tal conclusão, dizendo:

A — Nós não dissemos isso... F — Boff!... A Bélgica? Eu, nem vê-la! Não gosto nada disto.

A — Isso és tu que vieste há pouco e nem gostas de estudar... B — Eu gosto de Portugal, não é verdade que eu gosto da Bélgica... Os protestos foram continuando e tornou-se cada vez mais evidente que as crianças recusavam-se a aceitar a ideia de que gostavam exclusivamente da Bélgica.

G — A Bélgica é bonita mas também tem o seu lado mau... Eu também gosto de

da formação pessoal deles filhos. Como alguém disse «só para quem não esteja a partir ou a voltar é que Portugal é mais aborrecido. Quer seja cá, quer seja lá, nós, os portugueses, andamos sempre com Portugal às costas. Pesa-nos e não nos deixa fugir dele».

Por dificuldades económicas e financeiras que surgiram no nosso país, muitas pessoas foram trabalhar para o estrangeiro com mulher e filhos. Não só para ganhar mais como também para governar a sua família.

Agora, muitos jovens portugueses estão no estrangeiro, onde não é o seu país, mas também em Portugal são considerados como emigrantes. Já não têm pátria.

Por essa razão, muitos jovens não sabem o que fazer mais tarde, na idade de assumirem as suas responsabilidades. De facto já não sabem se voltarão algum dia para a sua terra natal ou se ficarão no país onde estão instalados.

Para outros, o problema é ainda mais difícil de resolver, porque nasceram na Bélgica. Mesmo que sejam portugueses de nacionalida-

de, o Estado belga propõe-lhes que façam o serviço militar e que adquiram a nacionalidade belga.

Esses já ficarão para sempre aqui, tendo como único contacto com as origens os pais e avós quando vão de férias a Portugal.

O problema é igual para aqueles que se casaram com uma belga ou um belga.

A decisão é muito delicada para os jovens, que não sabem se serão lá em baixo tão felizes como aqui.

Mas há outros problemas extremamente importantes para os que não têm ainda a idade de decidirem o seu futuro.

Monumento inaugurado por Cavaco Silva

SANTOS HOMENAGEOU OS DESCOBRIMENTOS



O primeiro-ministro inaugurou, no sábado, em Santos, Brasil, um monumento alusivo aos 500 anos dos Descobrimentos, de que reproduzimos a maqueta. Com seis metros de altura, fica situado no acesso a Guarujá, em local por onde passam centenas de milhares de pessoas. O projecto, da autoria da arquitecta Regina M. Lourenço Adegas, com execução de Ricardo Campos Mota, venceu um concurso público e constitui uma homenagem da comunidade portuguesa e luso-brasileira de Santos e região envolvente — onde vivem cerca de 70 mil portugueses — aos homens que há 500 anos iniciaram a gesta dos Descobrimentos. O monumento pode ser visto de vários pontos da praia e dá a impressão de uma embarcação partindo para a liberdade do mar. E, para quem vem do mar, o sinal da terra: pátria, casa e abrigo. Na popa, a seguinte inscrição: Descobrimos novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos. E o que mais é: novo céu, novas estrelas.



... não cantam como nós: o tempo tira-lhes a graça e o humor.
C — Sim, mas sinto-me cá bem. Gosto da neve, tenho amigos de todo o Mundo e a Portugal resta-me a família.
D — Quando há neve fazemos bonecos, jogamos com bolas de neve... É verdade que antes de vir pensava que a Bélgica era o paraíso. Depois, cheguei, e afinal era diferente. Mas é um país bonito onde nos sentimos bem lá em casa. Portugal é bom nas férias, há...

... Há lugares bonitos para passar o tempo... tem parques cheios de relva e lagos, a Grand Place...
E — As crianças falam sobre a cidade de Bruxelas limitando-se a apontar alguns aspectos permanentes. Recordam-se que a maioria habitava os bairros mais antigos da cidade, com forte densidade de população emigrada e, nalguns, com problemas sociais graves provocados pela crise de desemprego das camadas mais jovens.

... É a propósito da população emigrante, as crianças referiram-se ao racismo dos belgas em relação ao estrangeiro manifestando elas mesmas o mesmo sentimento de xenofobia (recusa das diferenças do outro) não

achou que alguns podiam ser amigos. Passou a viver mais feliz. A gente tem medo é que não gostem de nós e às vezes até parece bruto mas não é compreendido se tem de haver um esforço de parte a parte. Não são só os belgas a ter esse sentimento, também o tens.

Literatura infantil portuguesa é completamente desconhecida
E daqui passou-se à literatura infantil portuguesa completamente desconhecida do grupo em questão. Nem a história da carochinha faz parte do repertório das histórias contadas destas crianças. Pelo contrário os contos franceses e a banda desenhada ocupam um lugar importante na vida do grupo que se manifestou interessado na leitura.

A aprendizagem da língua portuguesa aparece como o meio de comunicação em férias com a família, uma língua bonita, e ainda qualquer coisa de útil se um dia regressarem.

... Mas quando eu voltar as costas, nunca me esquecerei desta terra húmida, das lágrimas do céu que deram toda a hospitalidade aos meus pais e que me deram a mim tantas oportunidades... (H. R. M.)

Quanto a opções...
A conversa continuou entre as crianças que falaram sobre Carlos do Carmo, Ti-móteo (cantor belga casado com uma portuguesa), Carlos Paredes, Amália Rodrigues, manifestando preferência pelo fado e, alguns, pelos cantos do Alentejo.

... Ao compararem o local de origem dos pais em Portugal com Bruxelas, as crianças sublinharam o meio que lhes provoca a grande cidade, com pontos conhecidos de qualquer turista de passagem. A história e vida da cidade, hábitos e costumes da população residente, os

Portugal mas prefiro cá viver.
E — Portugal tem muito sol, as praias ainda não estão poluídas, mas gosto muito da Bélgica... Não sei...
D — Eu gosto de Portugal quando estou na Bélgica e ao contrário, gosto da Bélgica e quero voltar, quanto estou em Portugal... Não sei explicar melhor.

Regressar às origens ou permanecer no país de acolhimento?
A decisão do regresso dos adultos implica a partida dos filhos menores sem possibilidades ou capacidade de escolha do país para viverem. Há casos em que convencidos que a opção do regresso é a melhor, os pais sentem dificuldades em adaptar-se a Portugal e começam a pensar nas possibilidades de voltar à Bélgica. Isto preocupa os jovens e aumenta o receio da decisão definitiva.

Um elemento presente na maioria dos textos que vimos é a gratidão do jovem pela terra adoptiva que é vista como um lugar de luta e vitória dos pais, e a base

O SOM EM TODA A PROVA



KE-3030 • Potência: 2x8,5W • Sintonizador a Quartz PLL • ARC V FM (dispositivo de controlo de sintonia) • Pre-sintonia de 24 estações (18 em FM, 6 em AM+OL) • Busca nos dois sentidos • Busca de estações locais • Supressor de ruídos • Leitor de cassetes com auto-reverse • Busca de faixas • Controlo separado de graves e agudos • Loudness.

De Paris a Dakar muitas coisas podem falhar, mas o seu Pioneer Car-Stereo não. Graças a ele você sabe que tudo poderá acontecer, mas nunca lhe faltará a companhia da melhor música esteja onde estiver. A companhia do seu Pioneer Car-Stereo! É que a Pioneer ao desenvolver os seus novos auto-rádios equipou-os com sofisticados leitores de cassetes, e associou a alta precisão do controlo electrónico de sintonia e supressores de ruídos para que você possa superar todas as adversidades, quer se trate de sobreposição das estações ou da fraqueza do sinal de emissão. No entanto não necessitará de se sujeitar a tão dura prova para sentir as vantagens do seu Pioneer Car-Stereo. Pois saturação de estações e a fraqueza de sinal é coisa que se encontra sem ter de ir muito longe.

KE-1030 • Potência: 2x8,5W • Sintonizador a Quartz PLL • ARC V FM (dispositivo de controlo de sintonia) • Função de memória das melhores estações • Pre-sintonia de 24 estações (18 em FM, 6 em AM+OL) • Busca nos dois sentidos • Busca de estações locais • Supressor de ruídos • Leitor de cassetes com auto-stop • Loudness automática.

KP-2050 • Potência: 2x8,5W • Sintonizador analógico de FM/AM • Supressor de ruídos • Leitor de cassetes com auto-replay • Loudness.

KP-3120 • Potência: 2x8,5W • Sintonizador analógico de FM/AM • ARC III FM (dispositivo de controlo de sintonia) • Supressor de ruídos • Leitor de cassetes com auto-reverse • Selector de fitas de metal • Controlo separado de graves e agudos • Loudness.



PIONEER CAR-STEREO

DUPLA GARANTIA 1 ANO + 6 MESES



ENCONTRO DE MULHERES A REALIZAR EM PARIS

A Comissão de Mulheres criada no âmbito do CCPF - Conselho da Comunidade Portuguesa em França - vai promover, nos dias 12 e 13 de Novembro próximo,

em Paris, um encontro europeu das delegações de mulheres dos países da OCDE. A iniciativa visa o levantamento de problemas e a definição de propostas de

solução a apresentar às entidades competentes — problemas que se agravam para a mulher migrante, pese embora a evolução do papel desta na sociedade.

O CCPF está a organizar o respectivo programa, devendo as pessoas interessadas dirigir-se à seguinte morada: 8, rue Popincourt — 75011 Paris, telef. 47005822.